

## As cidades e os portadores da angústia (o vazio existencial)

The cities and bearers of anguish (the existential void)

Las ciudades y portadores de la angustia (el vacío existencial)

Cintia Coelho da Silva

Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo – São Paulo – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7999-1748>

Endereço currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7832345010827170>

E-mail: [coelho\\_cintia@hotmail.com](mailto:coelho_cintia@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise histórica dos espaços urbanos e rurais em relação ao fenômeno do vazio existencial, utilizando o método cartográfico de Deleuze e Guattari. O objetivo é traçar um panorama historiográfico do vazio existencial ao longo da história, com ênfase em sua massificação na modernidade e hipermodernidade, particularmente no século XX e início do século XXI. Através da consulta de diversos autores que abordaram o tema ao longo dos séculos, busca-se contextualizar e historicizar essa temática, muitas vezes negligenciada pela história devido à sua natureza subjetiva.

**Palavras-chave:** Cidades. Campo. Vazio existencial. Experiência. Depressão.

**Abstract:** This article proposes a historical analysis of urban and rural spaces in relation to the phenomenon of existential emptiness, using Deleuze and Guattari's cartographic method. The objective is to trace a historiographical panorama of existential emptiness throughout history, with an emphasis on its intensification in modernity and hypermodernity, particularly in the 20th and early 21st centuries. By consulting various authors who have addressed the topic over the centuries, the aim is to contextualize and historicize this often overlooked subject, due to its subjective nature.

**Keywords:** Cities. Countryside. Existential void. Experience. Depression.

**Resumen:** Este artículo propone un análisis histórico de los espacios urbanos y rurales en relación al fenómeno del vacío existencial, utilizando el método cartográfico de Deleuze y Guattari. El objetivo es trazar un panorama historiográfico del vacío existencial a lo largo de la historia, con énfasis en su masificación en la modernidad y la hipermodernidad, especialmente en el siglo XX y principios del siglo XXI. A través de la consulta de diversos autores que han abordado el tema a lo largo de los siglos, se busca contextualizar e historizar esta temática, a menudo descuidada por la historia debido a su naturaleza subjetiva.

**Palabras clave:** Ciudades. Campo. Vacío existencial. Experiencia. Depresión.

## Introdução

“[...] uma sensação de vazio que surge ao calar da noite [...]” (CALVINO, 1990, p.8). Assim, explicitamente, o vazio<sup>1</sup> faz parte do imaginário e do fazer literário de Italo Calvino em suas narrativas cujo cenário são as cidades. Mas embora, as cidades narradas por Calvino tenham suas particularidades e temporalidades, e não sejam exatamente como os grandes e caóticos espaços urbanos da modernidade e da hipermodernidade, há descrições que parecem descrever os tempos atuais (início do XXI). Mas será que os cenários urbanos seriam a causa ou o catalisador dos males que cercam o nosso tempo, como a questão deste suposto vazio existencial e insatisfação do ser? Será que com o surgimento das cidades

---

<sup>1</sup> Para Winnicott a experiência do vazio é parte do ser. Uma vez que este surge como uma resposta de dependência no processo de criação do self (constituído pelo falso e pelo verdadeiro self – sendo o primeiro não aquilo que o ser é de fato, mas sim o desejo do outro, e este falso self existe para proteger o verdadeiro self) que se dá com o outro (o self não é autossuficiente). Assim, o vazio é apresentado por Winnicott como condição ontológica, algo que é do próprio existir. Podendo estar relacionado a algo do passado, faltas e ausências em relação ao outro ou expressão do estado primordial. WINNICOTT, Donald Woods. *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*. Londres: The Hogarth Press, 1965. (Tradução brasileira: O ambiente e os processos maturacionais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983).

modernas,<sup>2</sup> a medida que os prédios foram se erguendo e ficando mais altos, “mais baixa” (no sentido de degradação ou diminuição da condição humana) teria se tornado a humanidade? E assim, portanto, maior teria sido o abismo gerado para o “ser no mundo”?<sup>3</sup> Ou será que tais questões existenciais também poderiam surgir em outros cenários, como no campo, longe do caos e da agitação das cidades?

Um estudo na área de medicina (PROBST, LADITKA, MOORE, HARUN, POWELL, et BAXLEY, 2006), realizado por doutores norte-americanos, publicado em 2006 pela *Health Services Research*, examinou<sup>4</sup> a prevalência de depressão em áreas rurais versus áreas urbanas. E a partir da realização desta pesquisa estimou-se que 2,6 milhões (número este não ajustado às características de cada população: rural e urbana) de adultos que vivem na área rural sofrem de depressão, um número significativamente maior, no comparativo feito entre o campo e a cidade, gerando respectivamente os percentuais: 6,1% versus 5,2%. Após a realização do ajuste (análise multivariável) para as características de cada população: rural e urbana, as incidências de depressão não diferiram por residência. A prevalência de

---

<sup>2</sup> O historiador norte-americano, Christopher R. Friedrichs, chama atenção em sua obra *The Early Modern City 1450-1750* para a dificuldade de se diferenciar cidades de vilas/povoados, pois, a população não era o único fator. Segundo o autor, o que diferenciava uma cidade de comunidades não era o seu tamanho ou função, mas sim suas possessões de específicos privilégios econômicos e políticos. E exemplifica como a Europa estava cheia de lugares urbanos constituídos por apenas 2000 ou 3000 habitantes, mas que eram verdadeiras cidades com privilégios políticos e atividades econômicas. A urbanização é intensificada com a Revolução Industrial (XVIII e XIX) não só com a migração de pessoas do campo indo para as cidades, mas também com a implementação de fábricas em áreas rurais. Segundo Friedrichs muitos empreendedores instalaram suas fábricas no campo para “escapar” das regulações municipais. FRIEDRICHS, Christopher R. *The Early Modern City 1450-1750*. London: Routledge, 2014.p.100.

<sup>3</sup> **DASEIN**: Ser-o-ai / ser-ai (*être-le-là*), o ser no mundo. Para Heidegger o fundamento da existência é o ser cuja essência está para além do mundo físico. Contudo, Heidegger afirma que toda tentativa por parte da **metafísica** (para além do físico) de explicar o ser, falhou. Desta forma o autor iniciou uma investigação fenomenológica produzindo uma teoria do ser, analisando a existência humana que se daria em dois níveis: (1) facticidade e (2) transcendência (que seria o além da facticidade). Heidegger afirma em sua teoria que o ser é livre e capaz de dar sentido a sua própria vida, ou seja, à sua existência. Assim, o ser para Heidegger é abertura, é o “brotar” da existência; é a possibilidade infinita de projetos de um ser lançado no mundo com possibilidades infinitas (mas não com realidades infinitas), confrontado com o não ser, ou seja, com o nada, já que a existência é limitada pela temporalidade. Em outras palavras, o ser se manifestaria de maneira pontual no tempo e no espaço. Que resultaria **no lugar da existência**: entre as infinitas possibilidades e a não possibilidade absoluta. O que geraria a angústia, a consciência do nada que sempre assola a existência; indo da infinidade de possibilidades para a impossibilidade absoluta. De tal forma, o ser é sempre o ser em algum lugar e em relação com o mundo, por meio da representação. Enquanto **representar é rerepresentar**: a construção que o pensamento faz; a representação do real (não se entende a essência do real, analisando aquilo que está fisicamente posto, pois o real não é uma questão de física, mas sim de metafísica – a essência última do real), realizado dentro de si (formas de lidar com o mundo). E o pensamento também pode reduzir as coisas e seres à instrumentalização (tornar em objeto os demais entes, questão atual da comoditização). Mas segundo Heidegger esta objetificação não deve ocorrer, pois o ser humano também pensa se deve ou não fazer algo, assim como pensa na forma de se relacionar com todos os entes (ética Heideggeriana). Em suma, para Heidegger o ser humano deve ter uma relação de cuidado com as demais existências (o que Heidegger chama de pastor da existência). HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

<sup>4</sup> Métodos: realização de um estudo transversal utilizando a National Health Interview Survey (NHIS). Em entrevistas presenciais, o NHIS administrou a escala de depressão do Composite International Diagnostic Interview Short Form (CIDI-SF) em uma amostra nacionalmente representativa de 30.801 adultos, maiores de 18 anos.

depressão permaneceu um pouco, mas significativamente maior, em residentes de áreas rurais<sup>5</sup> em comparação às áreas urbanas.

Os residentes rurais têm maior probabilidade do que seus pares urbanos de vivenciar circunstâncias, condições e comportamentos que desafiam a saúde e podem aumentar a prevalência de depressão. Isso inclui uma maior probabilidade de relatar saúde regular ou ruim, sedentarismo, consumo excessivo de álcool e menos visitas regulares ao dentista. Os residentes rurais têm mais probabilidade de viver na pobreza do que os residentes urbanos; a pobreza está associada a mais morbidade. A assistência médica rural é amplamente fornecida por generalistas; dois em cada cinco médicos que atuam em cidades pequenas são médicos de família (41%). Os residentes rurais geralmente têm menos acesso a cuidados básicos de saúde, especialistas, tecnologias relacionadas à saúde e outros serviços sociais e de saúde do que as pessoas em áreas urbanas. A proporção de condados, que são áreas de carência de profissionais de saúde mental, aumenta de 37% entre os grandes condados rurais adjacentes às áreas metropolitanas para 76% entre os pequenos condados rurais isolados. Assim, pode ser difícil obter atendimento especializado para pessoas deprimidas que vivem em áreas rurais, e os especialistas em saúde mental a quem os médicos generalistas podem encaminhar as pessoas com depressão são limitados. (PROBST; LADITKA; MOORE; HARUN; POWELL et BAXLEY. 2006. p.653, tradução nossa).<sup>6</sup>

A pesquisa chama atenção ainda para o fato de que os estudos realizados anteriormente sobre estas diferenças geográficas obtiveram resultados mistos. Sendo que tanto o *National Comorbidity Survey-NCS* quanto o *National Comorbidity Survey Replication-NCS-R* não encontraram diferenças na prevalência de depressão entre as áreas rurais e urbanas, enquanto que o estudo canadense apontou que a depressão é menos prevalente nas áreas rurais. Entretanto, como os moradores rurais representam apenas cerca de 20% da população e a depressão é encontrada apenas em um pequeno subconjunto de indivíduos, estudos anteriores podem ter carecido de consistência estatística suficiente para

---

<sup>5</sup> Esse achado é consistente com a pesquisa que mostra taxas mais altas de suicídio nas áreas rurais dos EUA. PROBST, Janice C; LADITKA, Sarah B; MOORE, Charity G; HARUN, Nusrat M; POWELL, Paige M et BAXLEY, Elizabeth G. Rural-Urban Differences in Depression Prevalence: Implications for Family Medicine. *Health Services Research*, Chicago, V. 38, pp.653-660. Oct, 2006. p.658. Além do mais, verificou-se que os residentes rurais com necessidades mentais têm taxas mais altas de hospitalização e taxas mais altas de consultas médicas do que aqueles que vivem em áreas urbanas. Ibidem. p. 659.

<sup>6</sup> *Rural residents are more likely than their urban peers to experience circumstances, conditions, and behaviors that challenge health and may increase the prevalence of depression. These include a greater likelihood of reporting fair or poor health, physical inactivity, heavy alcohol consumption, and fewer regular dental visits. Rural residents are more likely to live in poverty than urban residents; poverty is associated with more morbidity. Rural medical care is largely provided by generalists; two of every five physicians practicing in small towns are family physicians (41%). Rural residents commonly have less access to primary health care, specialists, health-related technologies, and other health and social services than persons in urban areas. The proportion of counties that are whole-county shortage areas for mental health professionals increases from 37% among large rural counties adjacent to metropolitan areas to 76% among isolated small rural counties. Thus, it may be difficult to obtain specialist care for depressed persons living in rural areas, and mental health specialists to whom generalist physicians can refer persons with depression are limited.*

detectar diferenças. Limitação esta que a pesquisa em questão ultrapassou ao utilizar o *National Health Interview Survey (NHIS)* de 1999. Um conjunto de dados consideravelmente maior para examinar as diferenças entre áreas rurais e urbanas. Além de ter também examinado as características individuais associadas à depressão.

Tratar deste tópico subjetivo pode suscitar preocupação ou até mesmo recusa do tema por meio de uma perspectiva histórica, mas façamo-nos a seguinte questão? Como os historiadores desnaturalizam e, portanto, historicizam algo? Não seria apontando como determinado fenômeno aparece ao longo da história? Contudo, ainda podemos questionar, mas como seria possível historicizar algo subjetivo? A resposta é: igualmente olhando para os escritos da história. Afinal, se para a história, tudo é construção, porque filósofos, historiadores e outros estudiosos, ao longo dos séculos deixaram registros sobre tal questão existencial? E mais uma vez, se a história é construção, há quanto tempo e por quais autores e/ou indivíduos este “vazio” tem sido construído? Repetimos sempre a mesma velha história? A mesma velha construção?

A ideia de vazio aparece ao longo da história, conforme descrito nas páginas a seguir. Contudo tal ideia, não necessariamente é descrita por meio desta exata palavra: “vazio”.

Na década de 1950, Viktor Frankl sugere que o século XX passa a ser o tempo em que o vazio existencial passa a ser uma neurose de massa. (FRANKL, 2017, p.131). E este mesmo autor também reivindica para si a expressão “vazio existencial” que teria sido usada por ele pela primeira vez em 1955 (FRANKL, 2014, p.22). “O problema que nos leva a encher nossas clínicas é agora o da frustração existencial, isto é, o problema do ‘vazio existencial’ termo cunhado por mim em 1955.” (FRANKL, 2014, p.22).

Assim, busco neste artigo desmistificar as cidades como o suposto ambiente mais propício para o surgimento de angústias e males da alma, trazendo uma nova forma de olhar para o cenário urbano, rural e seus indivíduos – buscando enxergar aquilo que o pesquisador não consegue detectar em uma primeira e rasa aproximação – por meio de elementos dispersos, escondidos ou pouco acessíveis, ou seja, mapeando a realidade (DELEUZE e GUATTARI, 1995, pp. 20-23).

O método cartográfico de Deleuze e Guattari é uma abordagem que visa mapear e explorar os diferentes aspectos e territórios de um determinado fenômeno (neste caso, o fenômeno do “vazio existencial”), levando em consideração sua complexidade e multiplicidade. O método se baseia na ideia de que a realidade é composta por uma rede de

relações e conexões que podem ser mapeadas e analisadas. Nesse sentido, a intenção é enxergar além da primeira aproximação e identificar elementos dispersos e pouco acessíveis (conforme sugere a abordagem cartográfica) quanto a este mal chamado “vazio”.

### **A historicização do vazio existencial**

Fazendo uma regressão panorâmica, que não tem, contudo a pretensão de cobrir todos os autores, mas sim de reunir autores e informações suficientes para criar uma historicização do vazio existencial, pretendo refutar a ideia de que este é um fenômeno exclusivo da hipermodernidade e das grandes cidades. Além disso, esta é uma forma de iniciar uma historiografia que não exclui o “mundo das subjetividades”, mas que antes busca localizar tais fenômenos no tempo e no espaço e problematizá-los, assim como já acontece com os demais objetos de estudo da história. Este tema, pouco tratado e registrado por historiadores, é bastante difundido e discutido por filósofos e sociólogos, estando presente nas obras de grandes autores da hipermodernidade ou da modernidade líquida, como é o caso, respectivamente, de Lipovetsky e Bauman, sendo este último o autor que aponta e chama a atenção para as relações humanas que se tornam fluidas, vazias de sentido e de humanidade, afirmando ainda que o ato de consumir passou a ter um peso na construção das identidades individuais, nos séculos XX e início do XXI.

Ainda no século XX, vemos que para o psiquiatra austríaco Viktor Frankl, a motivação básica do comportamento do indivíduo é a busca pelo sentido da vida, o que segundo ele seria sim algo inerente ao ser humano. Frankl aponta uma equação complexa, mas direta, entre a falta de sentido, o vazio existencial e o comportamento suicida (FRANKL, 2017, P.132).

No século XIX, por exemplo, Søren Kierkegaard busca compreender as razões da vida humana diante da angústia quanto à imortalidade da alma e a questão do vazio existencial. Kierkegaard vai dizer que o “eu” é a síntese consciente de infinito e finito e que este “eu” não teria existência real, senão aquilo que ainda viria a ser, e o não ser ele próprio seria desespero. E ao falar sobre a consciência e desespero, Kierkegaard também fala sobre o suicídio:

[...] a intensidade de desespero aumenta com a consciência. Quanto mais - por possuir uma exata ideia do desespero - se desespera, tanto melhor se tem a clara consciência de o ser, tanto melhor se sente a sua intensidade. Quando alguém se mata com a consciência de que se matar é um ato de desespero, e portanto com uma visão exata sobre o que seja o suicídio, é

mais desesperado do que matando-se sem saber ao certo que isso significa desespero; pelo contrário, o matar-se tendo uma falsa ideia do suicídio, representa um desespero menos intenso. Por outro lado, quanto mais lucidamente nos conhecemos (consciência do eu) ao suicidar-nos, mais intenso é nosso desespero, em comparação com o daquele que se suicida num estado de alma indeciso e obscuro. (KIERKEGAARD, 2010, p. 68).

Sevcenko ao analisar o surgimento das grandes cidades, no século XIX, por meio da obra de Edgar Allan Poe, aponta que na obra literária de Poe as cidades têm uma relação com o tempo que é nostálgica e amarga, revelando um vazio não preenchível, um elo perdido que não se pode resgatar (SEVCENKO, 1985).

Nos séculos XVII e XVIII, por exemplo, vemos na França o surgimento de muitos filósofos, dentre eles, Blaise Pascal, que desenvolveu a ideia de *divertissement*, que segundo o autor seria uma estratégia de “sobrevivência” para lidar com problemas e conflitos. Para Pascal, a alma teria um suposto vazio, visto que esta nunca estaria satisfeita com aquilo que tem, e esta seria a razão pela qual estaríamos sempre correndo atrás de mecanismos de divertimento.

Aquele que não vê a vaidade do mundo é muito vaidoso. Também quem não a vê, exceto os jovens que estão envoltos por ruídos, divertimento e pensamento do futuro? Contudo, tire deles o entretenimento e, você os verá definhando de tédio. Eles assim sentem seu nada sem conhecê-lo, pois é realmente sofrido estar em uma tristeza insuportável quando alguém é reduzido a considerar a si mesmo e não ser entretido. (BLAISE, 2004, p. LG 33, B164, L36, tradução nossa).<sup>7</sup>

No período medieval, Santo Tomás de Aquino fala que todas as vezes que a natureza humana é subutilizada, ou seja, sempre que o ser humano não vive e considera a sua máxima capacidade, isto acaba gerando uma insatisfação, algo que falta, portanto um vazio. Isto pode ser observado nos comentários de Aquino na obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, na qual ocorre um diálogo sobre as três falsas felicidades (o prazer, a honra e o dinheiro), ou seja, três coisas ou meios que ao serem buscados e utilizados como finalidade última, subutiliza todo o potencial humano que fora criado para algo mais elevado, gerando como consequência a insatisfação, pois ao buscar-se a felicidade nestas coisas, termina-se por depositar no lugar errado a felicidade, que para Aquino só pode ser encontrada na contemplação de Deus no céu.

---

<sup>7</sup> *Qui ne voit pas la vanité du monde est bien vain lui-même. Aussi qui ne la voit, excepté de jeunes gens qui sont tous dans le bruit, dans le divertissement et dans la pensée de l'avenir? Mais ôtez leur divertissement, vous les verrez se sécher d'ennui. Ils sentent alors leur néant sans le connaître, car c'est bien être malheureux que d'être dans une tristesse insupportable aussitôt qu'on est réduit à se considérer et à n'en être point diverti.*

A vida prazerosa, que põe o fim no prazer do sentido, necessariamente deve pôr o fim nos máximos deleites, os quais seguem as operações naturais, a saber, aquelas pelas quais se conserva a natureza de acordo com o indivíduo, pelo alimento e bebida, e de acordo com a espécie, pela união sexual. Ora, desse modo, os deleites são comuns aos homens e às bestas. Por isso, a multidão dos homens, que coloca o fim nesses prazeres, parece inteiramente como as bestas, elegendo tal vida como uma vida ótima, na qual nos “tornamos como bestas. Com efeito, se nisso consiste a felicidade do homem, pela mesma razão, as bestas seriam felizes, desfrutando dos prazeres da comida e do coito. Portanto, se a felicidade é o bem próprio do homem, é impossível que nisso consista a felicidade. [...] Ora, há algo melhor do que a honra, ou seja, aquilo por causa do qual ela é buscada. Com efeito, esses homens parecem buscar a honra para obter uma sólida opinião sobre si mesmos, a de que são bons, e que os outros creem nesta opinião e, por isso, buscam ser honrados pelos prudentes, que são de reto juízo e por aqueles que os conhecem e que melhor podem julgá-los. E buscam ser honrados conforme a virtude, pela qual algo é bom, como se dirá no segundo livro. E, assim, a virtude é algo melhor do que a honra, pois por ela se busca a honra. Logo, a felicidade não consiste na honra. [...] O dinheiro forçosamente se adquire e forçosamente se gasta. Mas isso não convém à felicidade que é o fim das operações voluntárias, logo a felicidade não consiste no dinheiro. [...] Nós buscamos a felicidade como um bem que não é buscado por causa de outro. Ora, o dinheiro é buscado em razão de outras coisas, porque tem razão de bem útil, como foi dito. Logo, a felicidade não consiste no dinheiro. (ARISTÓTELES, 2018).

Na antiguidade tardia (início da alta idade média), vemos Santo Agostinho dizer que o homem é um ser desejanter, como se houvesse dentro de si um vazio, uma sensação de incompletude, preenchível somente por Deus (o objeto dos nossos desejos). Agostinho, ao analisar o vazio, diz que tal vazio é infinito, e que, portanto, somente algo igualmente infinito pode preenchê-lo, sendo todas as coisas finitas (prazeres, sensações e etc.) ineficazes. Como fica evidenciado no trecho abaixo, em que Agostinho fala como ele buscava a realização e a plenitude nas criaturas, enquanto ela estava no criador.

Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me sobre as belas formas das tuas criaturas. Estavas comigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira (SANTO AGOSTINHO, 1997, 299).

Já na antiguidade oriental o rei Davi ([1040 a.C. a 970 a.C.] segundo rei sobre todo o Reino Unificado de Israel [capital em Jerusalém]) em seus Salmos também nos revela questões existenciais, como a alma faminta e a reformulação da alma:

Pois fartou a alma sedenta, e encheu de bens a alma faminta. [...] Sobem aos céus; descem aos abismos, e a sua alma se derrete em angústias. Andam e cambaleiam como ébrios, e perderam todo o tino. [...] Na multidão dos meus pensamentos dentro de mim, as tuas consolações recrearam a minha alma. (Salmos 107:9, 26,27 e Salmos 94:19 [Tradução João Ferreira e Almeida]).

Na antiguidade clássica vemos na obra de Heródoto uma declaração feita por Sólon (640 a.C a 560 a.C.) em que o estadista grego falava sobre as angústias e incertezas do homem. E mais, Sólon, conforme podemos observar na mesma obra, era considerado um homem muito sábio (foi considerado pelos gregos como um dos sete sábios da Grécia antiga), mesmo em outras regiões para além de Atenas, uma vez que Cresos ([595 a.C a 547 a.C] último rei da Lídia, da dinastia Mermnada, filho e sucessor de Alíates) que o conheceu, afirmou a seu respeito: “É um homem cujo convívio eu preferiria às riquezas de todos os reis.” (HERÓDOTO, 2001, p.97).

É impossível um homem reunir as condições necessárias à felicidade da mesma maneira que nenhum país possui todos os bens de que necessita. Se conta com uns, está sempre privado de outros; o melhor será o que possuir maior número deles. Assim acontece com o homem: não há um que se baste a si mesmo. Se possui algumas vantagens, outras lhe faltam. (HERÓDOTO, 2001, p.62).

E o que seria aquela sede mencionada por Jesus, no Evangelho de João, quando ele diz para a mulher samaritana que ela nunca mais teria sede se ela experimentasse da água que ele tinha para oferecer? Certamente não se tratava da sede natural por simples água, mas sim alguma questão existencial profunda que seria saciada.

Jesus respondeu: "Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna". A mulher lhe disse: "Senhor, dê-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise voltar aqui para tirar água". (João 4:13-15 [Tradução Nova Versão Internacional-NVI]).

Esta sede não natural é igualmente vista no livro do profeta Isaías que teria vivido entre 765 a.C e 681 a.C.

Será também como o faminto que sonha, que está a comer, porém, acordando, sente-se vazio; ou como o sedento que sonha que está a beber, porém, acordando, eis que ainda desfalecido se acha, e a sua alma com sede; assim será toda a multidão das nações, que pelejarem contra o monte Sião. (Isaías 29:8 [tradução João Ferreira de Almeida]).

Como vimos, o vazio não é uma exclusividade da hipermodernidade, embora a partir do século XX, vejamos sim uma massificação desta temática (ou neurose, segundo Frankl), como bem aponta este autor:

Como notou Viktor Frankl, o problema do sentido tem implicações mais extensas e não se limita à dúvida teórica própria do filosofar. Ele se expressa no sentimento de vazio de sentido, ou na dúvida sobre o que fazer com a vida, assunto que passou a dominar as queixas das pessoas aos psicoterapeutas desde a segunda metade do século XX. E as reclamações não diminuíram nas últimas décadas. O vazio existencial e a depressão tornaram-se as doenças do século XXI e isto aumenta o interesse pelo assunto. O homem quando não sabe o que fazer com sua vida alimenta dificuldades existenciais profundas, conclui Frankl. (CARVALHO, 2010, p.29)

Resumindo esta breve reflexão sobre tema, conforme ilustra a figura 1, a incompletude e os anseios humanos aparecem em diversos registros historiográficos e em diferentes períodos da história, desconstruindo assim a ideia de que tudo é uma grande construção social e que não há nada de inerente ao homem.

**Figura 1** - Quadro panorâmico com a historização do vazio existencial (da antiguidade à contemporaneidade).

EXEMPLOS DE AUTORES QUE ABORDARAM A QUESTÃO DO VAZIO EXISTENCIAL E DO SENTIDO AO LONGO DA HISTÓRIA								
HISTÓRIA ANTIGA			IDADE MÉDIA			IDADE MODERNA	IDADE CONTEMPORÂNEA (PÓS-MODERNIDADE)	
ANTIGUIDADE ORIENTAL	ANTIGUIDADE CLÁSSICA	ANTIGUIDADE TARDIA	ALTA IDADE MÉDIA	BAIXA IDADE MÉDIA		1453 - 1789	A partir de 1789	
				IDADE MÉDIA PLENA	IDADE MÉDIA TARDIA			
4.000 a.C. - 500 a.C.	800 a.C. - 476	300 - 476				Pascal Blaise (1623 a 1662)	Søren Kierkegaard (1813 a 1855)	Fiódor Dostoiévski (1821 a 1881)
Rei Davi (1040 a.C. a 970 a.C.)	Sólon (640 a.C a 560 a.C.)	Santo Agostinho (354 d.C a 430 d.C)	476 - 1000	séc. XI - XIII	séc. XIV - XV	Jean Jacques Rousseau (1712 a 1778)	William James (1842 a 1910)	Martin Heidegger (1889 a 1976)
	Isaias (765 a.C. a 681 a.C.)			Santo Tomás de Aquino (1225 a 1274)		Arthur Schopenhauer (1788 a 1860)	Edmund Husserl (1859 a 1938)	Donald Woods Winnicott (1896 a 1971)
	Heródoto (485 a.C a 425 a.C)						Ludwig Binswanger (1881 a 1966)	Jean-Paul Sartre (1905 a 1980)
	Jesus (7-2 a.C a 30 -33 d.C)						Franz Kafka (1883 a 1924)	Viktor Frankl (1905 a 1997)
							José Ortega y Gasset (1883 a 1955)	Maurice Merleau-Ponty (1908 a 1961)
							Karl Jaspers (1883 a 1969)	Albert Camus (1913 a 1980)
							Rudolf Karl Bultmann (1884 a 1976)	Zygmunt Bauman (1925 a 2017)
							Karl Barth (1886 a 1968)	Gilles Lipovetsky (1944) 75 anos.
							Gabriel Marcel (1889 a 1973)	Nicolau Sevcenko (1952 a 2014)

Fonte: elaborado pela autora

Mas qual seria a razão para a massificação do tema e/ou discussão sobre o vazio existencial na modernidade e na hipermodernidade, mais precisamente nos séculos XX e início do XXI? Esta massificação tem relação com a modernidade e o processo de secularização, ou seja, tem a ver com o ato de “exclusão” da figura de Deus da história e sua substituição, ao longo do tempo, por todas as outras coisas que o homem acredita necessitar, até chegar à era da sociedade de consumo e cultura *on demand*. Contudo, este lançar-se sobre os próprios desejos parece não ajudar: “Agora, em liberdade, eles podem e devem decidir por si próprios; todas as instituições existentes ruíram, todas as velhas certezas se foram, a alegria da liberdade é, ao mesmo tempo, cair no vazio. Agora deixe cada um cuidar de si mesmo.” (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002, p.1, tradução nossa). E ao encontro disto, segue Victor Frankl que aponta dois motivos e perdas que explicariam tal massificação: **(primeiro)** a perda de instintos básicos que regulam o comportamento e asseguram a existência e **(segundo)** a perda das tradições e referências (FRANKL, 2017, p.131). O que levaria o indivíduo a ter dois tipos de resposta: **(primeiro)** fazer aquilo que os outros estão fazendo, resultando no conformismo e **(segundo)** fazer aquilo que os outros querem ou esperam que seja feito, resultando nos totalitarismos.

O colapso das instituições e o fim de antigas certezas fazem com que os laços interpessoais e sociais sejam dilacerados e que as narrativas percam credibilidade. Gerando uma sociedade cada vez mais individualizada, e mais especificamente, dois tipos de individualismo apontados por Touraine (TOURAINÉ, 2007) e Wiewiorka (WIEWIORKA, 2007): o individualismo unidimensional, hedonista e consumista; e o individualismo orientado para uma subjetivação consistente.

Poderíamos dizer que o primeiro se caracteriza por sua preferência pelo niilismo e pela indiferença; ela transforma marcas comerciais em vínculos emocionais com forças impessoais de mercado e permite que os indivíduos da classe alta se distanciem da maioria e se esqueçam da crescente miséria. O mundo virtual, o mundo da imagem e do entretenimento, preenche o vazio existencial, assim como o vício das drogas. “É um individualismo que se recusa a projetar-se no tempo, seja passado ou futuro. O tempo presente e instantâneo são altamente valorizados, muito mais do que a preparação para o futuro ” (Wiewiorka, 2007, p. 14, tradução nossa). [...] O outro individualismo é, ao contrário, um processo de subjetivação no qual as pessoas tentam criar sua própria existência; exigem ser reconhecidos pelos seus direitos e singularidades, mas por isso mesmo, têm consciência da necessidade de respeitar tanto os direitos como as singularidades

dos outros. Essa subjetividade, diz Wieviorka, "pode, muito bem, ser associada a fortes sentimentos de solidariedade coletiva e de responsabilidade social. Mas, ao mesmo tempo, e aqui chegamos a um aparente paradoxo, ele pode alimentar a ação coletiva." (Wieviorka, 2007, p. 41, tradução nossa).<sup>8</sup>

Afinal, porque todos esses homens, de diferentes épocas, lugares e culturas trataram deste assunto? Tema que passou a ser massificado e amplamente debatido nos séculos XX e XXI? E como poderíamos abordar e considerar algo subjetivo de forma generalizada? Heidegger vai dizer que angustiar-se é um modo de ser-no-mundo, um fenômeno que evidenciaria o fato de existir. (HEIDEGGER, 2015, pp.252-258).

### Temporalidades e experiência

Como vimos acima, os males, conflitos e questões existenciais não são exclusividade das cidades e nem da modernidade ou da hipermodernidade. Contudo, a despeito do cenário (rural ou urbano), podemos sim perceber que há algo de peculiar com o nosso tempo, o início do século XXI. Um tempo transformado em instantaneidade e em espaços transformados em fluxos e, estes sim parecem ser exclusividade das cidades.

Existe uma relação com o tempo diferente das relações que existiram antes de nós,<sup>9</sup> indivíduos que vivem no início do XXI. Embora o uso do tempo não seja o mesmo para todas as culturas, estando este sujeito às transformações culturais, históricas e geográficas, existe uma mudança na descrição e na percepção do tempo, que fica mais latente e visível nas cidades com os seus diversos deslocamentos, compromissos e comunicação instantânea. Indo ao encontro do conceito de "duração" do Henri-Louis Bergson, na obra *Matéria e Memória* (1999), em que o autor afirma que entre um antes e depois, a única coisa

---

<sup>8</sup> *We could say that the first is characterized by its preference for nihilism and indifference; it turns commercial brands into emotional bonds with impersonal market forces and allows upper-class individuals to take a distance from the majority and to forget about the growing misery. The virtual world, the world of image and entertainment, fill up existential emptiness, as does drug addiction. "It is an individualism that rejects projecting itself in time, be it past or future. Present and instant time are highly valued, much more than preparation for the future" (Wieviorka, 2007, p. 14). [...] The other individualism is, on the contrary, a process of subjectivation in which people try to create their own existence; they demand to be recognized for their rights and singularities, but for that very reason, they are conscious of the need to respect both the rights and singularities of others. This subjectivity, Wieviorka says, "can very well be associated to strong feelings of collective solidarity and social responsibility. But at the same time, and here we arrive at an apparent paradox, it can feed collective action."*

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. Para um novo conceito de Idade Média- tempo, trabalho e cultura no ocidente. Lisboa: Editorial estampa, 1980. pp.51-55. As primeiras civilizações tipicamente agrárias tinham uma experiência temporal regulada pelos ciclos da natureza. Já na idade média (por volta dos séculos XII e XIII) começaram a surgir os primeiros relógios de ponteiro que eram colocados nas torres das igrejas que poderia servir para a marcação de um período cujo tempo era marcado pela religião. Um pouco mais tarde, as prefeituras também passam a colocar relógios e suas instalações, marcando o período do tempo administrativo e o tempo social. E por fim, com a Revolução Industrial, o tempo passa a ser marcado pelo relógio das fábricas, marcando o tempo do trabalho, cujos desdobramentos, nós vivemos ainda hoje.

experimentada é a própria duração, uma vez que o presente não passa de um instante incomensurável, ou seja, na duração não existe qualquer perspectiva de futuro, de continuidade. Algo muito presente, por exemplo, nas estratégias discursivas publicitárias que condensam tudo no instante. Algo que Benjamin também notou e discorreu a respeito:

[...] Walter Benjamin destaca o livro *Matière et mémoire*, de Henri Bergson [...] A leitura que Benjamin faz de Bergson é a de um pensador que exclui a experiência de qualquer ligação com história: “é a experiência inóspita da época da industrialização”. (Benjamin, 1994, p.105). Benjamin entrevê na filosofia da experiência moderna, onde toda a ligação com o passado está garantida apenas por uma duração (*durée*) no tempo de uma imagem, e não mais por qualquer relação que transcenda a memória individual. (LIMA, BAPTISTA, 2013, p. 479).

Uma aceleração que nos leva não só a uma experiência temporal peculiar, mas a uma perda do valor da experiência. Ora, mas isso não parece ser o contrário daquilo que vemos nestes tempos de consumo de experiência? De fato, parece. Mas esta “experiência mercantil” não é a mesma experiência de outrora,<sup>10</sup> a experiência da hipermodernidade mesmo quando não voltada para o consumo de experiência, trata-se de uma experiência que só é em parte aquilo que já foi um dia, (LIMA, BAPTISTA, 2013, p. 479), ou seja, sem as tradições, as trocas e transmissões dos períodos anteriores à modernidade. (LIMA, BAPTISTA, 2013, p. 473) E esta perda do valor da experiência, somada à aceleração geraria como consequência um estado depressivo geral, não no sentido clínico como vimos no estudo exposto acima, mas enquanto um sentimento social geral. Pois segundo ainda Bergson a memória seria a “matéria” que possibilita a realização de projeções, ou seja, para ir além do instante e ter ou vislumbrar uma continuidade. E é exatamente isto que o depressivo perde: a perspectiva de um “depois”, ou seja, a visão da continuidade de sua existência, ou ainda de um horizonte.

Ainda sobre a experiência do início do século XXI, voltada particularmente para o consumo, além das perdas da tradição, trocas e afins, esta é na verdade uma simulação. Uma vez que para Benjamin, o ato de transmissão da experiência é quase que o oposto ao se ter consciência da mesma, (LIMA, BAPTISTA, 2013, p. 468) além

---

<sup>10</sup> Walter Benjamin ao criar uma teoria da experiência trabalha este conceito (experiência) de forma sistemática em cinco ensaios: (1) *Experiência*, escrito em 1913; (2) *Sobre o Programa da Filosofia do Porvir*, escrito em 1918; (3) *Experiência e Pobreza*, escrito em 1933; (4) *O Narrador*, escrito em 1936 e; (5) *Sobre Alguns Temas Baudelarianos*, escrito em 1940. Sendo que nos quatro primeiros, Benjamin usa o termo experiência e no seu quinto ensaio chega a definição da experiência como vivência. E nesta diferenciação do que seria a experiência de outrora, embora em cada ensaio Benjamin lhes atribua sentidos variados, a questão central em relação à experiência anterior à modernidade é a presença da tradição, das trocas e das transmissões. O que na modernidade teria sido reduzido a vivências.

de ter como espécie de premissa o “esquecer-se de si mesmo”, o que no consumo de experiência não poderia ocorrer, devido à completa consciência e intencionalidade de todos (consumidor e fornecedor e afins) os envolvidos neste tipo de consumo.

### **Considerações finais**

Vemos assim, que as cidades a despeito de serem sim espaços peculiares e propícios para esta temporalidade que é sinônimo de instantaneidade, não são os únicos cenários desafiadores da hipermodernidade. Assim como constatamos que a tradição, ou melhor, a ausência dela, afetou o valor das experiências e reduziu a vivências dados acontecimentos e fenômenos, mesmo em tempos em que a palavra experiência nunca esteve tão em voga, devido ao chamado consumo de experiência.

Assim, este artigo buscou desmistificar a ideia de que o vazio existencial e a insatisfação do ser são exclusivos da hipermodernidade e das grandes cidades. Ao realizar uma regressão panorâmica ao longo da história, evidenciamos como o vazio existencial tem sido uma preocupação recorrente em diferentes épocas e contextos sociais.

A partir das obras de filósofos, sociólogos e escritores, observamos que a questão do vazio existencial foi discutida e problematizada em diversas épocas. No século XIX, por exemplo, Søren Kierkegaard explorou a angústia diante da imortalidade da alma e o vazio existencial. No século XX, Viktor Frankl destacou a busca pelo sentido da vida como uma motivação fundamental e relacionou a falta de sentido ao vazio existencial e ao comportamento suicida.

Também analisamos a relação entre o vazio existencial e as cidades ao longo da história. Edgar Allan Poe, em suas obras literárias, retratou as cidades como espaços nostálgicos e amargos, permeados por um vazio irremediável. Por sua vez, no surgimento das grandes cidades no século XIX, a obra de Sevcenko revela uma conexão entre as cidades, o tempo e o vazio não preenchível.

Além disso, exploramos como diferentes filósofos, como Blaise Pascal no século XVII e Santo Tomás de Aquino na Idade Média, abordaram o vazio existencial em seus escritos. Pascal discutiu a busca incessante por divertimentos como uma estratégia para lidar com o vazio interior, enquanto Aquino destacou que a subutilização da natureza humana e a busca por falsas felicidades que podem levar à insatisfação e ao vazio.

Diante disso, evidenciamos que o vazio existencial não é um fenômeno restrito à contemporaneidade ou às grandes cidades. Ele atravessa diferentes épocas e manifesta-se tanto

em ambientes urbanos quanto rurais. Os estudos sobre a prevalência de depressão em áreas rurais e urbanas revelam que os residentes rurais enfrentam desafios específicos, como acesso limitado a cuidados de saúde e maior incidência de condições desfavoráveis à saúde.

Portanto, a compreensão do vazio existencial exige uma perspectiva histórica e contextualizada, que busque mapear a realidade e enxergar além das primeiras impressões. Ao historicizar esse fenômeno, podemos problematizá-lo e desvelar suas diversas manifestações ao longo do tempo, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e aprofundada do ser humano e suas inquietações existenciais.

### Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Edipro, 2018. Livro I - 5,6,11,17,18.
- BAUMAN, Zigmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BECK, Ulrich e BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. *Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences*. London: Sage Publications, 2002.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas III.
- BERGSON, Henri-Louis. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.
- CARVALHO, José Maurício de. O problema do sentido. *Revista Estudos Filosóficos*. Minas Gerais, v. 5, pp. 28-42, 2010. p. 29.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs 1: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FRANKL, Viktor Emil. *Em Busca De Sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. São Paulo: Editora Vozes, 2017.
- FRANKL, Viktor Emil. *Um sentido para vida: Psicoterapia e humanismo*. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2014. p. 22.
- FRIEDRICHS, Christopher R. *The Early Modern City 1450-1750*. London: Routledge, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HERÓDOTO. *História: o relato clássico da guerra entre gregos e persas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. p. 97.

KIERKEGAARD, Søren. *O conceito da angústia*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média- tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Editorial estampa, 1980. pp.51-55.

LIMA, João Gabriel; BAPTISTA, Luis Antonio. Itinerário do conceito de experiência na obra de Walter Benjamin. *Princípios: Revista de Filosofia*. V.20, jan/jun, 2013, pp.449-484.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PROBST, Janice C; LADITKA, Sarah B; MOORE, Charity G; HARUN, Nusrat M; POWELL, Paige M et BAXLEY, Elizabeth G. Rural-Urban Differences in Depression Prevalence: Implications for Family Medicine. *Health Services Research*, Chicago, V. 38, pp.653-660. Oct, 2006.

SÁNCHEZ, María Eugenia. Globalisation and loss of identity. *International Forum of Psychoanalysis*, London, V. 19, pp.71-77, Jun 2010.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997. p.299.

SEVCENKO, Nicolau. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. *Revista Brasileira de História*. Vol. 5, no 8/9, set. 1984/abr. 1985.

TOURAINE, A. *Penser autrement* [Thinking differently]. Paris: Ed. Fayard, 2007.

WIEVIORKA, M. “Identidades, Desigualdades y Globalización.” En M. E. Sánchez (coord.). *Identidades Globalización e Inequidad* (37-49). Puebla, Pue: Universidad Iberoamericana Puebla, Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente (iteso) y Universidad Iberoamericana León, 2007.

WINNICOTT, Donald Woods. *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. London: The Hogarth Press, 1965. (Tradução brasileira: *O ambiente e os processos maturacionais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983).

WINNICOTT, Donald Woods. *The spontaneous gesture*. Cambridge: Harvard University Press, 1987. (Tradução brasileira: *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990).

Recebido em 28 de dezembro de 2022.

Aprovado em 13 de junho de 2023.